



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00712016CE



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

11 de Junho de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1885
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Calvário

do homem e da mulher que, agora e logo, aparecem mortos nos palheiros. Maior é a nossa culpa.

Parece que esta feição da vida social tem escapado aos organizadores de hospitais. Não sei se em qualquer deles haja sido instalado o serviço permanente no caso dos incuráveis. O hospital tem a função de curar. Os leitos são para eles. O incurável não pode entrar; e se, entrando, prova um caso sem remédio, deve ir-se embora. Esta é a doutrina pública. E nós agora podemos perguntar: Ir para onde? Para onde vai aquele desenganado, sem casa, sem família, sem amigos, sem nada? Eis aqui a pergunta crucial. Por si só, condena ela, ou pelo menos declara incompletos, os grandes hospitais onde se verifica a omissão.

O lugar escolhido para esta nova realização da Obra da Rua, é a quinta da Casa do Gaiato de Beire, a uns quinze quilómetros de Paço de Sousa. No sítio mais indicado elegemos dois hectares. O arquitecto riscou. Ao meio é a residência hospitalar, para casos que exijam maior e mais próxima assistência. Em redor ficam as residências: sistema aldeamento.

Não há o criado. Não há verdadeiramente o enfermeiro. Procura-se tornar válido o inválido, para que esqueça e seja alegre. É uma obra de doentes, para doentes, pelos doentes. Temo-nos dado excelentemente com esta divisa nas Casas do Gaiato.

O êxito de uma obra assim não se discute. Não há homem de bem que possa duvidar. Não



tem bases para isso; só por ignorância. Primeiramente, temos a oração dos homens. Além da dor que consome incuráveis e convalescentes, existe ainda outra maior: é a dos que lhes não podem valer, a começar pelos próprios médicos e pessoal hospitalar. Além destes, temos os que escutam queixas dos arrastados. Os que lêem casos nos jornais. Os que não têm tempo para isso, mas ouvem falar. É o sentimento humano. O conhecimento de Deus, pelo conhecimento dos homens. Sim. Ninguém divide do seu êxito. Tal como o Património dos Pobres, que parece não haver já em Portugal sítio de vago onde erguer mais casas, também agora o Calvário

vai ser o caso do dia. Noutras vilas, noutras aldeias, noutras cidades. Abram-se Casas desta natureza para que os jornais não contínuem a dar a triste notícia do abandonado que cai nos caminhos por não ter onde morrer.

Mas há ainda outra razão mais subida do seu formidável êxito, e esta não pode falhar: é a vontade de Deus. Ele quer que os homens se salvem e eles só o podem realizar amando. Este é o mandamento.

Ora os Calvários são o sítio onde os homens podem amar o seu semelhante como a si mesmos.

PAI AMÉRICO, Calvário, 1.º vol.

CHEGOU a hora de dar notícia de uma Obra que há muito trazemos no peito, a saber: um abrigo onde possam morrer cristãmente legiões de inválidos sem morada certa. Vai-se-lhe dar o nome de Calvário. O Calvário! É um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa. Na verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?! Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas. Não podemos airoosamente alegar ignorância, porquanto os diários costumam dar a notícia

SETÚBAL

Padre Acílio

Um padre acusado

A Comunicação Social — eu contemplei na TVI: *Um Padre acusado...* depois... mais pelo meio, apareceu o Padre Lino Maia a defender a pessoa do Padre Baptista e o Calvário.

Dos jornais, só ouvi lamentar, com severa indignação, por pessoas amigas da Obra, o que foi escrito.

Verdadeiramente, o Padre Baptista concretizou o último sonho de Pai Américo: — “Se é triste não ter onde viver, muito mais triste é, não ter onde morrer!...”

Na flor da juventude, sem saca nem bordão, apenas com a sua pobreza e a ânsia de acolher aos mais caídos, este sacerdote da Igreja Católica ergueu, com mestria e coragem, uma aldeia rodeada de flores e de mata, com casas confortáveis e limpas, cheias de luz e alegria para os que morriam na lixeira da vida, rejeitados da família e dos hospitais.

Estou a lembrar-me quando, com uma enfermeira de saúde pública, eu atendia mulheres da prostituição no seu gabinete da cidade de Setúbal, ter passado pelo Calvário e encontrado, deitada numa cama, uma destas mulheres, doente dos

pulmões. Ela desabafava-me: — “Eu agora estou no céu.”

Vivia no Porto, numa barraca contígua a uma taberna, onde o cheiro a vinho e o barulho dos homens era medonho. — *Às vezes eu tossia, tossia, sozinha e gritava, gritava e ninguém me acudia. Lembro-me de ter vomitado tanto sangue, tanto sangue, sozinha. O Padre Baptista trouxe-me para aqui. Agora estou no céu!...*

A mulher era de Setúbal, foi para o Porto. Lá, nenhum familiar a conhecia. Tinha vergonha de ser o que era, mas no Porto vivia mais livremente.

O mesmo acontecia com algumas infelizes do Norte, a morarem em Setúbal e a entregarem-se à mesma vida.

Quantas foi o Padre Baptista buscar às mansardas mais hediondas?! Quantas?!...

Quantos jovens atrasados mentais, ou mesmo dementes, retirou de montureiras, onde, presos, tinham apenas uns farrapos para se aconchegarem à noite, água e pouca comida e donde nem sequer lhes eram limpos os próprios dejectos?!... Quantos abandonados à

fome, à doença e à miséria o Padre Baptista acolheu no Calvário, e lhes lavou carinhosamente todos os dias as partes baixas do corpo ou lhes deu banho anos e anos a fio?!... Quantos, Meu Deus!, — **largas centenas!**

O Padre Baptista tinha, e teve, sempre médicos que visitavam o Calvário, atendiam os doentes uma vez por semana ou quando eram chamados!... Vários médicos **ao longo dos 60 anos!...** apercebendo-se da competência de cada um, dos remédios, das receitas e dos efeitos.

Naturalmente, embora com licenciatura noutras áreas, não tinha canudo médico ou enfermeiro, mas não era alheio a nada e foi aprendendo a fazer o que os técnicos sumariamente realizavam.

Como uma mãe de família numerosa vai aprendendo a tratar a constipação dos filhos, uma dor de dentes, de ouvidos, a ver a febre, a comprar qualquer anti-inflamatório ou antipirético, sem ir ao hospital, assim o Padre Baptista não punha as mãos nos bolsos ao observar qualquer tratamento, ou mesmo receita, ele lia, aprendeu e achava pela experiência adquirida, nas reacções do doente o modo como os aliviar ou mesmo curar.

Quando as coisas eram mais complicadas, chamava o médico ou levava o doente ao hospital.

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Testemunho

N^O ano centenário do nascimento de Pai Américo, 1987, tive o meu primeiro contacto com o Calvário. Fazia o meu discernimento vocacional.

O sinal que me levou a escolher o caminho concreto para o pôr em prática, foi posto à minha frente pelo nosso Padre Baptista, nesse nosso primeiro encontro: «Você quer ser padre?». Respondi: «Acho que é isso que quero ser!».

Logo ficou combinado, a seu convite, ir passar alguns fins-de-semana ao Calvário de Beire, já que os dias de semana os tinha comprometidos com o trabalho profissional.

Do contacto com os Doentes, e da sabedoria que brotava das mãos do meu acompanhante, percebi que para o trabalho profissional que eu então fazia, havia muitos a fazê-lo. Mas para aquele, de cuidar dos abandonados e tão limitados e incapazes de fazerem as coisas mais simples da vida, muitos poucos eram os que se dispunham a isso. Desta constatação, tão simples, decidi-me a escolher fazer aquilo para que faltavam mãos.

O Seminário e a ordenação sacerdotal, foram a materialização para o compromisso definitivo da minha vida. Enquanto fazia essa preparação, as semanas disponíveis de férias passava-as no Calvário e nas Casas do Gaiato. Para isto tinha vindo.

E, no Calvário, na dureza e crueza da vida, admirando os claros sinais da fraqueza humana, tão evidentes nos seus Doentes, percebia também os limites das minhas próprias capacidades em confronto com a sabedoria, competência e franca percepção da realidade deles, que o Padre Baptista possuía.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

BEIRE — O “reino de Deus” continua em marcha...

Um admirador

Depois de todas aquelas atoardas da (in)comunicação social, conso-la-me poder constatar que, apesar de tudo, o “reino de Deus” continua em marcha... Ainda hoje. Aqui mesmo diante de mim. Neste Calvário/Beire, sobre o qual caiu toda aquela tempestade... Realmente, é espantoso o medo de enfrentar a **verdade real**. Essa que nos atira para fora da nossa *verdadezinha*. Subjectiva, protótipo daquela miopia mental a que o nosso umbigozinho tanto se apegar! Porque a **verdade real** não se compadece com palha seca para fazer a labareda d’o *nosso espectáculo*... Tão a gosto da “psicologia colectiva” que sempre arrasta gente incauta e mal informada. É um jeito inconsciente de *queimar incenso* ao “deus prestígio” — o grande “deus” que, depois do “deus poder” e do “deus dinheiro”, mais devotos arrasta... Por outro lado, é consolador ver tanta gente solidária connosco — a começar pelos nossos voluntários.

Vemos, ouvimos e lemos ... Não podemos ignorar... Era assim que se cantava *naquele tempo*. Hoje, a revolução dos cravos já passou.

Não se compõem mais *canções de intervenção*. Mas, porque ainda não venceu a **verdadeira cidadania**, a dos nobres ideais de Abril, nós continuamos a ver, a ouvir e a ler... E, tal como então, **não podemos ignorar...** Ignorar que, sob a capa de *liberdade de imprensa*, sob a capa do nobilíssimo dever de defender os ultrajados, nos queiram agora *comer as papas na cabeça*. **Não podemos ignorar...** Não é não e não. Até que todos os que temos responsabilidades sobre o bem comum tenhamos coragem de enfrentar a **verdade real**. Claro que ela mete medo. Mas há que buscá-la. Dentro e fora de nós. Porque sempre quer apoiar-se sobre factos comprovados. E *nunca pretende acabar com a primavera* só porque aconteceu a *morte de uma andorinha*... Não consente que se crucifique o “bom pastor” só porque deixou fugir uma ovelha... Não senhor. Não vamos deixar que as noventa e nove que ficaram no redil morram agora à míngua de quem as guie para os pastos seguros da **dignidade humana** — essa que assegura o **essencial do ser humano**. Esse **essencial** de todos os homens

por Ele amados. A começar pel’os **últimos**, que aqui são acolhidos.

Enfrentar e defender a **verdade real**... Empenhar-se na construção do **reino de Deus**... Isto é tentar seguir pelo **caminho aberto por Jesus**. Esse Galileu que, firme e serenamente, enfrentou os poderes civis e religiosos do seu tempo. Para defender os últimos. Defender os oprimidos pelo “deus poder”, irmão gémeo siamês do “deus dinheiro”. Porque são “deuses umbilicalistas” que, sob a capa de libertadores, impedem que os mais fracos tenham os mesmos direitos e oportunidade de acesso à mesa dessa **d+IGNI+dade** em que nós os crentes vemos o “Fogo Criador” da implantação do “reino de Deus”. Que já grita desde dentro de nós. E não depende da vontade de ninguém. Porque é o grande dom daquele que, criando-nos do barro, quer fazer de nós diamantes de alto quilate, onde brilha a bondade, a paciência, a compreensão, a humildade, a justiça e essa “PAZ que o mundo não sabe dar”...

Gosto desta luz da minha fé: *construir o reino de Deus*, uma

linguagem religiosa usada *naquele tempo* que é o equivalente ao enfrentar a **verdade real**. Trabalhar para que ninguém fique fora do grande **PRO+jecto Humanizador do Pai**. Esse PRO+jecto que, desde há dois mil anos, impulsiona os **seguidores** desse eterno Galileu que, aqui e agora, ainda **continua vivo e a inquietar** os homens de boa vontade. Pai Américo fez-se Seu **discípulo** — não um mero *adepto*... E, porque seguiu o Mestre, sonhou o Calvário/Beire.

Durante sessenta anos, P.e Baptista, a seu jeito, tentou ser a resposta a esse sonho. Muito foi feito e muito resta ainda para/por fazer. Não vamos, agora, deixar que o sonho morra. Porque vemos, ouvimos e lemos, **não podemos ignorar** que o Estado (mesmo quando nos chega sob a capa de segurança social a defender os cidadãos...), o Estado não pode assegurar o **essencial** de todo o ser humano. Pode sim e tem obrigação de assegurar o *por fora*. Mas nem só de pão vive o homem... E não pode, porque para lá de não ter meios para assegurar “uma amorosa dedicação pessoal” que este

tipo de *peças com deficiência* tanto necessitam, também não pode RE+speitar aquela d’**IGNI+dade** que caracteriza o **essencial do SER-SER HUMANO**... Não se pode dar o que *se* não tem...

Era o primeiro fim de semana depois do escândalo de um “Padre acusado de amarrar idosos na Casa do Gaiato”. Aqui em Beire/Calvário, ao fim de semana, não temos funcionários. Tudo é assegurado pelo nosso voluntariado — alimentação (quatro refeições), banhos (pavilhão dos homens e das mulheres), barbas, mudanças de roupa, limpezas que urgem. Estava com certo receio que a *oferta* nos *baixasse*... Mas ninguém faltou. Como se nada tivesse havido. Os cães ladraram a bom ladrar, mas a caravana, serena, a passo lento, PRO+segue reforçada... Tudo parece que até mais dispostos a dar mais e melhor.

Foi assim que dei comigo a dizer-me que o “reino de Deus” **inda continua em marcha**... A tempestade atacou forte e feio. Mas... o Senhor estava/está connosco na barca. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

UMA VIDA TODA DE SERVIÇO AOS POBRES NÃO É CRIME — Quem realmente quer ajudar pessoas que dedicaram a sua vida toda ao serviço dos pobres mais pobres, como é o caso do Sr. Padre Baptista, quem realmente quer colaborar nesse serviço e quer a continuidade de uma Obra como o Calvário e com as outras Casas do Gaiato, quem realmente quer ajudar as pessoas que o Sr. Padre Baptista e esta Obra têm ajudado ao longo de tantos anos, o que faz não é suscitar processos judiciais contra quem assim se tem dedicado ao serviço dos pobres mais pobres, quando os “crimes” que realmente existem são essa vida toda de serviço ao próximo.

Juntamos, por isso, a nossa voz à de todos os que repudiam esses processos e estamos solidários com o Sr. Padre Baptista e com a Obra da Rua nesta hora em que, mais uma vez, são objecto de ataques por parte de pessoas cujas intenções não poderão ser as de realmente ajudar os pobres de quem esta instituição cuida e os padres que lhes dedicaram a sua vida toda, sem reservas.

Com certeza, que quem está no serviço ao próximo não o deve fazer à espera de recompensas neste mundo. Com certeza, que quem está no serviço ao próximo o faz como ser humano que é, ou seja, com as suas virtudes e os seus defeitos, mas sempre guiado por esse sentido de serviço. Dito isto, não se pode aceitar que venha agora um qualquer, sabe-se lá com que intenções, usar o palco que facilmente lhe dá uma certa comunicação social que vive de sensacionalismo e da difusão de acusações não provadas, para, num “minuto de fama” nessa comunicação social, querer destruir uma pessoa e uma Obra cujo único “crime” tem sido o serviço aos pobres.

Que Deus dê ao Sr. Padre Baptista a força de que precisa para ultrapassar esta fase difícil. Que Deus ajude, também, os outros padres e demais verdadeiros “obreiros” da Obra da Rua. Tendês a nossa solidariedade e a de muitos por esse mundo fora, a começar pela dos Gaiatos de todas as idades, quer os que actualmente estão nas Casas do Gaiato, quer os que já por lá passaram, mas são sempre Gaiatos até ao fim da vida, com letra grande e com muito orgulho. Eles são as grandes testemunhas que estão aí a provar todos os dias a injustiça dos “crimes” de que vos acusam. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Confirmamos o dia do nosso Encontro Anual, em 26 de Junho próximo. Organiza a tua vida para poderes estar presente. Recordo que estamos em ano de eleições para os Órgãos Sociais. É sempre bom que haja uma elevada participação no acto eleitoral e que apareçam novos dirigentes, com ideias renovadoras, que estimulem e dinamizem a nossa Associação. Se queres ser elemento impulsor de uma nova dinâmica, forma um grupo de três ou cinco e propõem-te a liderá-lo como responsável de um dos Órgãos Sociais.

O programa será muito semelhante ao de anos anteriores: 09:00 horas — Chegada/recepção, pagamento de cotas e tempo para apreciação do Relatório e Contas que serão postos a votação. 10:00 horas — Eucaristia/Missa. 11:00 horas — Assembleia Geral. 13:00 horas — Almoço conjunto com a comunidade residente. 15:00 horas — Assembleia Geral (continuação), se necessário, ou tempo livre para convívio e desporto. 17:00 horas — Lanche partilhado, seguido do arrumo do espaço e despedidas.

Lembramos que o lanche é ofere-

cido pelos associados, pelo que se apela a que todos, na medida do possível, levem o seu contributo para o mesmo. Habitualmente são mais abundantes os doces. Apelamos para que sejam levados, também, outro tipo de alimentos.

Para que o dia seja o mais agradável possível, é necessário que todos dêmos sempre a nossa melhor colaboração, que respeitemos o programa e que, no decorrer da Assembleia Geral, sejamos breves nas intervenções e não entremos em diálogos inúteis.

Damos conhecimento de que foi

os nossos Rapazes nas suas obrigações e, no Domingo, integraram-se no grupo do coro, trazendo novos cânticos para a nossa Celebração. Correu tudo bem, e desejamos que gostem da nossa Casa de Benguela, que irão conhecer.

Também veio visitar-nos o *tio* Catete, que ficou uns dias connosco, e também nos trouxe uns pés de caxinde para fazermos o nosso chá para depois do jantar. Desejamos-lhe um bom regresso a Angola e que tudo lhe corra bem, com saúde.

TIPOGRAFIA — Temos uma máquina nova para fazermos o nosso Jornal e outros trabalhos para fora. Os nossos tipógrafos fizeram uma arrumação e limpeza à nossa

tipografia, para que a nova máquina fique bem situada na oficina. Todos nós devemos ter muito cuidado com esta máquina, especialmente os que vão aprender a trabalhar nela. Esperamos também melhorar a qualidade do nosso trabalho.

PATOS — Tínhamos uma ninhada de patinhos no galinheiro do nosso pomar, que retiramos para o nosso parque de lazer, porque estavam a ser maltratados pelas outras aves maiores. Mas lá não correu bem, porque eles saíram pela rede para fora, porque a rede era larga. Então levamos os patinhos e a mãe para outro galinheiro, mas também não correu muito bem. Nem sempre as coisas são fáceis de resolver. □

BENGUELA

Anjo da Paz

O CAMINHO — Saí, dias atrás, era um dia de segunda-feira, em que fui à escola e fiquei muito zangado comigo mesmo. Eu pensava que sabia, mas não sabia, que as minhas notas poderiam ser tão fracas! O mais engraçado era a fama que os meus colegas me davam, pela positiva que tive na disciplina de Matemática, pois fui o único com positiva, mas

tive 2 negativas e umas positivas muito fracas.

Fiquei a pensar no meu caso. Porque seriam as notas fracas? Qual é a razão de ter notas fracas, se tenho o preciso para ter boas notas, com apoio do Sr. P. Manuel António, P. Quim, D. Teresa e o Sr. Zé Luís e os meus irmãos que estão mais avançados?

um sucesso a campanha feita pelo Centro Social Paroquial de Cadima para aquisição do aparelho de apoio auditivo para um dos nossos associados. Cerca de um mês depois do apelo feito já ele nos telefonava alegremente dizendo: - «Já tenho o aparelho!». Em nome dele, agradecemos a todos, associados ou leitores, que colaboraram. Com o dinheiro que sobrou, após a compra e com a colaboração da Associação, foi adquirido, para o mesmo associado, um móvel de cozinha, a fim de poder arrumar condignamente mercearias e louças. Até breve. □

Daí, encontrei a resposta certa. A razão de ter notas fracas, nem é porque eu não consigo ser bom, mas porque brinquei com as minhas próprias capacidades de aprendizagem. Quando cheguei a Casa mostrei as minhas notas e os meus responsáveis ficaram aborrecidos comigo. E ainda na mesma linha de pensamento, fui ter com o Sr. Zé Luís, acerca das minhas notas para saber o que pensava... Ele não achou nada bem, e, mesmo assim, deu-me umas palavras de forças e o conselho de que eu poderia dar mais de mim do que tenho dado e ainda acrescentou: não se fica parado no mesmo sítio e que eu tinha de estudar mais a fundo e pedir a ajuda dos meus colegas que entendem melhor a matéria e que ainda ele está disponível para me ajudar.

Depois da conversa, eu disse a mim mesmo que valeu a pena ter uma conversa deste género. Não prometi nada ao sr. Zé Luís, mas prometi a mim mesmo que as minhas notas serão de 17 e 18 valores.

Portanto, *o caminho faz-se caminhando*, e eu tenho que fazer bem o meu caminho. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«A minha solidariedade cidadã à Obra e ao senhor Padre visado nesta tão propalada acusação. Por via de regra, o que estas notícias pretendem é tão só vir a tornar mais fácil um resultado difícil. Explicando, porventura os fundamentos acusatórios são frágeis e notícias como estas vão fazendo o seu caminho na mente das pessoas, porventura na daquelas que irão ser julgadores também. Notei que muitos dos testemunhos colhidos são, como não podiam deixar de ser, favoráveis ao senhor Padre, pelo que não se devem mostrar preocupados e deixem a justiça (esta, dos homens) seguir o seu curso. Não dêem aso a outras atitudes que, porventura, constituem o fundamento profundo do despoletar desta situação, as quais tiveram lugar em casos parecidos, com idênticas acusações. Estou a referir-me à Oficinas de S. José, no Porto. No mais confiemos em Deus e à força restante dos 85 anos de um ser, Sua criatura, para arrastar uma Cruz que pode tocar a todos, por mais imerecida que seja. Um santo dia do Corpo e Sangue de Deus.

D. M. T. M.»

«Conheço a Casa do Calvário, da Obra do Gaiato, para doentes terminais, doentes e seres humanos rejeitados por todos, desde que me conheço. O meu pai, médico, era lá voluntário e era onde passávamos todas as tardes de sábado. Era eu muito pequena e já sabia que tinha de reunir todas as revistas, todos os jornais para, enquanto o meu pai atendia os doentes, eu e os meus irmãos irmos de cama em cama ou doente em doente, falar um bocadinho e deixar-lhes alguma coisa com que se entreterem durante a semana. Do Padre Baptista (agora acusado), ouvi histórias que hoje ninguém acredita que tenham sido possíveis há 40 anos: uma menina encontrada no meio duma serra, que não sabia falar, porque a mãe tinha morrido. Sabia uivar como os lobos, seus companheiros de serra e vida. Um moçambicano encontrado no mato, paraplégico (como eu gostava de me sentar no colo dele e ele, na sua cadeira de rodas, a fazer cestos de palha)... Estes e muitos outros, o senhor Padre Baptista acolheu, tratou, cuidou, durante anos, décadas. Do Padre Baptista, se erro houver, é o de ter amado demais. Disso não tenho qualquer dúvida. Quem me dera a mim ser julgada por amar e dar a vida aos outros em 1/4, em 1/24 do que ele fez... Sei o quanto a bondade, o bem-fazer aos outros aprendi com o Padre Baptista. Pode não ter sido a causa directa das minhas decisões de ir, como voluntária e como profissional, para África. Mas que foram fundamentais os testemunhos que dele ouvi enquanto pequena, não tenho qualquer dúvida. Quando a lei do papel se sobrepõe à humanidade...

M. M. M.»

«É lamentável como se opina de uma forma tão leviana sem conhecimento de causa. Sim, conheço o Calvário e sei do que estou a falar! No auge da minha juventude voluntariei-me a viver com estas pessoas, vivi no Calvário durante dois anos com estas pessoas que merecem todo o nosso respeito. Nunca presenciei nenhuma falta de humanismo, como alguns comentários maliciosos querem fazer acreditar. Conheço o senhor Padre Baptista por quem tenho a maior estima e respeito. Lamento toda esta situação. É preciso não o conhecer para fazer este tipo de juízo de valor. Lamento toda esta situação e devemos-nos preocupar em fazer o bem, e não tentar denegrir quem o faz. Não conhecer o Calvário e, com certeza, depois terão uma opinião diferente. Um abraço para todos os colaboradores da Obra da Rua, que dão continuidade à Obra do Pai Américo.

D. M.»

«Tantas famílias que foram ajudadas pela Obra do senhor Padre Baptista!... para poderem trabalhar entregavam os familiares ao Seu cuidado, e assim adquiriram meios de subsistência e sustentar a família!... (Não havia rendimentos mínimos.) Não havia contributo monetário!... O senhor Padre Baptista fez, ao longo da sua vida, uma entrega total ao serviço do Deficiente!... Mobilizou muito voluntários para a Obra... a quem oferecia algo, perguntava sempre se não fazia falta... A ti, Padre António Baptista dos Santos, o meu muito obrigado. A justiça dos homens é terrível.

Assinante 11679»

«Fizemos um trabalho sobre o Calvário e a Casa do Gaiato em 2012. Por várias vezes fomos a Beire, sempre sem marcação. A porta esteve sempre aberta. Sempre vimos a felicidade espontânea dos seus habitantes, o bem receber. Sem horários, sem falsidade. Sem máscaras. Por várias vezes falámos com o fantástico ser humano que é o senhor Padre Baptista, que tudo nos mostrou. Que grande Obra acolher aquela gente por todos rejeitada... mas, acima de tudo, que grande Obra dar-lhes vida naquele lugar de Paz. Se algo de mal ali se passasse, se aquela fosse a casa dos horrores, como os jornais querem fazer crer, acham que quem ali, como nós, apareceu livremente, num qualquer dia, a uma qualquer hora, nada teria notado? Acham que a política de ter sempre as portas abertas era possível? Algum morador por acaso alguma vez

fugiu dali? Por fim... já na altura se falava na ganância de alguns por acabar com aquela Obra de paz e de vida, para a tornar uma instituição normalizada, armazém industrial, e ali meter uma trupe de assistentes e funcionários, com muita formação e canudos, geralmente sem humanidade ou humanismo... Porque há uma coisa que tem quem vive no Calvário, e normalmente não existe nos outros lares... vida!

F. C. B.»

«Sou velho, naturalmente... pois conheci o Pe. Américo e estive no funeral dele. Desde logo muitos dos formadores e formandos. Conheço a Casa desde que habito o planeta e sempre tive uma ternura muito especial por todos estes homens "com letra maiúscula" e não posso aceitar esta "ridícula" acusação. Houve muitos rapazes que nela entraram pela porta pequena e saíram pela grande. Há hoje "velhos" que o Estado não quer e deposita ali, no Calvário, como lixo. Mas também há mal informados (às vezes, maldizentes) que por aí vagueiam, que não têm a noção do quanto se faz nesta Casa e particularmente no "Calvário", em Beire. Façam o que muitos voluntários ali fazem: ofereçam-se para limpar o (rabo) àqueles que ninguém quer.

D. M.»

«Como tantos outros admiradores da Obra do Padre Américo, fiquei chocada com a recente reportagem na televisão, acusando o senhor Padre Baptista de maus tratos aos doentes assistidos no Calvário.

Não se pode deixar de suspeitar que há uma campanha de difamação deliberada, apoiada pela Comunicação Social.

Como Cristo sofreu, estando inocente, não se pode esperar que os Seus seguidores não sejam igualmente caluniados.

Que Nossa Senhora vos proteja.

Assinante 83444»

«Conheço o Calvário por dentro, pois vivi aí — dia e noite — durante dois meses. Porque tão pouco tempo? Porque viver no Calvário, exige uma vocação muito especial, mesmo até para qualquer sacerdote.

É fácil deitar pedras e soluções ao longe... Mas Deus não esquece a doação de vida de tantos anos...

Ele vê em profundidade o que nós nem imaginamos.

Com profunda admiração pela sua vida DADA é a minha simples oração.

Maria»

PENSAMENTO

Pai Américo

Os Pobres têm a intuição do Divino A fé desta classe de Pobres não tem sombras, nem conhece dúvidas.

in O Gaiato, 185, 31-3-1951

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

FALAR de Pai Américo é nomeá-lo com o mesmo carinho com que faziam os seus filhos do coração, os Gaiatos. Conheci-o através do Jornal que era lido no refeitório do Seminário de Almada. O primeiro contacto directo que me lembra nitidamente foi na Ericeira onde, ao tempo a Casa do Gaiato de Lisboa, tinha dois barracões de madeira. Um servia de camarata outro de refeitório e lugar de dormir para os seminaristas que os acompanhavam. Quantas saudades desse tempo e quantos seminaristas ali passaram alguns deles como eu padres da Obra da Rua, outros que o não foram, mas muito o desejaram. Pois dizia, já tinha vindo da praia antes dos Rapazes e estava ele à nossa espera. Alto sorridente a olhar para eles conforme vinham chegando. Não me lembro de mais nada, nem se comeu conosco, nem se o motorista era o Abel. Tudo se varreu da memória. Só ele não. Perdura ainda e apenas a sua figura diante de mim. Marcou-me e talvez tenha pensado, este vai ser dos meus no seu olhar penetrante e profético. Ainda seminarista, já dos Olivais, lembro-me de lhe ajudar à Missa, no Tojal. Com que unção, embrulhado na sua capa antes e depois da celebração, ficava longo tempo recolhido. Os joelhos doiam-me para acompanhá-lo. Quando ia a Paço de Sousa, a caminho da casa de meus pais, era o mesmo recolhimento e não tolerava, fosse porque fosse que alguém o interrompesse. Gravada tenho na memória a Via-sacra que fazia no fim da Celebração, de manhã bem cedo. Era um homem de Deus que se enchia dEle se extravasava depois para os seus. Lembra-me de uma vez ir jantar com ele à casa do bairro, mais o António Teles, chegado de férias do Luabo na Sena Sugar. A conversa foi todo o tempo entre ambos. Ele lembrava os meandros do Zambeze por onde andou no seu tempo do Chinde, Quem sabe um pouco da sua vida e olha ao percurso do despachante despachado, ao comerciante inquieto que ainda antes de entrar no Convento, escreveu talvez centenas de cartas com interesses comerciais ao seu amigo da Madeira, e ao escritor que enchia as páginas do Gaiato, fica abismado com a caminhada que Deus o fez percorrer até se encontrar verdadeiramente com Ele. Como são imprevisíveis os Seus caminhos! Que diferença entre o despachante e o comerciante e o que aprendeu com os Gaiatos, desenvolvendo a verdadeira pedagogia da família "uma casa de família para os sem família". O testamento aos seus Padres onde expõe os fundamentos da Obra da Rua vincando com "que jamais ninguém deturpe". A sua determinação em tudo o que dizia ou fazia, fez estremecer muitos Padres e até Bispos, demonstra a sua firmeza interior, a luz que iluminava os seus passos nas escadas do Barredo e o fez o Santo dos Pobres e no interior da Igreja um precursor do Concílio, vinte anos antes que este fosse. Ele, um Santo de Portugal que quando for canonizado vai indignar e fazer ranger os dentes àqueles que hoje perseguem a sua Obra da Rua. Conservamos em segredo aqueles que a roubaram e ultimamente aqueles que tentam fazê-la desaparecer. Olhem o Calvário. Eles sabem, nós também e Deus muito mais. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Continuação da página 1

Décadas a tratar de doentes, como se fossem da sua família, adquiriu muita sabedoria.

O Padre acusado viveu sempre pobremente, comia com os doentes, depois de alimentar os acamados, dementes ou incapazes de comerem sozinhos,

Nunca ganhou um cêntimo. Além da roupa que vestia, e era doada, pessoalmente nada tem.

A sua vida foi uma doação sacrificada e completa aos sem-ninguém.

O Estado Português nunca lhe deu um cêntimo, nem para os doentes nem para o Calvário.

O Estado Português tem a obrigação de guardar qualquer denúncia até se averiguar se há fundamento ou não. E isso chama-se **SEGREDO DE JUSTIÇA!** Mas agora põe ou deixa pôr na Comunicação Social, sem aparecer a travar esta avalanche de calúnias.

Um homem destes é julgado na praça pública como um malfeitor!

Padre acusado!

Viva a TVI, vivam os jornais e jornalistas que assim falam do Padre, só porque ele é pobre!...

Jesus... Também... Assim foi condenado.

É... por causa destas e doutras que os homens têm feito, é que Ele tinha mesmo de ser crucificado. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21700

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

VINDE VER!

Padre Quim

... E, Calvário ficou a chamar-se

NAS sucessivas visitas que Pai Américo fazia aos Pobres e Doentes, abandonados ao vento nas ruelas de Coimbra e nas do Porto, deu-se o nascimento do Calvário. Bem antes de o ser em Beire, já o era em seu coração de Pai que ama e compreende tão urgentemente a necessidade de um lugar para os albergar com dignidade. A sociedade mercantilista tem o hábito de discriminar crianças e idosos. Mais ainda quando estes são diminuídos profundos. Vale quem rende! Que injustiça. Fazer para existir, não basta a tese cartesiana «penso logo existo»? Pai Américo reagiu contra o estado de miséria e abandono em

que estes filhos e filhas estavam sujeitos. «Se é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?»

«Calvário é um nome tirado do Evangelho» para permanecer ao longo dos tempos pela força que tem de redimir do mal as almas santas que no silêncio vão passando do tempo para a eternidade.

Fazem falta ao mundo obras como esta, e mais ainda, homens inteiramente dedicados ao serviço do próximo, como o bom Samaritano. Homens que saibam carregar a cruz, abraçada e não arrastada, participando da dor incurável dos

seus irmãos que prostrados dias, anos, décadas, no berço desta Obra humana com “sabor divino”, dão testemunho dos milagres de Cristo nos nossos dias. É uma Obra pioneira no acolhimento e assistência a pessoas com necessidades especiais. A sua beleza e arquitectura falam por si só.

O nosso Calvário é um lugar onde cada padecente incurável vive com toda a dignidade. Um lar de família onde cada um dos filhos e filhas ali encontrados são amados com todas as forças pelos nossos padres, senhoras, voluntários e por outros rapazes mais velhos que vindos sobretudo da nossa Casa

de Paço de Sousa, fazem render de joelhos dobrados o talento por amor. Quando lá estive perguntei ao Paulo Jorge, se queria andar de tractor. Respondeu que sim. Mas tem que esperar que venha o Júlio de Paço de Sousa para o orientar.

Senhores do direito, a lei sem ética é desumana. Gostariam os senhores de viver separados dos vossos filhos por imposição? Ó autoridades desautorizadas por se furtarem da verdade. Não se pode dar ouvidos aos moradores da lua e de outros planetas, que não conhecem o Calvário e ousam falar do que não sabem. Que não se venham a iludir os senhores da técnica numa eventual troca de regime de vida. Ela é “Obra de Doentes, para Doentes e pelos Doentes”. Assim ao longo dos anos de existência tem vindo a valorizar as potencialidades de cada doente e nunca se colocou em causa as suas deficiências. Antes de tudo são seres humanos. Quem coloca o problema

de saúde à frente em vez de buscar as soluções é um cego, vê somente através da cegueira da ciência. A fé, a esperança e a caridade riem-se ante a hipotética ciência. Tão provisória nos seus métodos de atendimento. A caridade permanece. É a única força capaz de servir os pobres, os abandonados e doentes sem esperar nada em troca. Assim tem sido ao longo de mais de cinco décadas de total entrega do padre Baptista aos doentes, com amor e experiência calejada dos anos idos mostrou-lhes o caminho para o seu viver em serenidade e entrelajada fraterna, e que a vida pode ser vivida em plenitude, mesmo com a limitação da fragilidade humana.

Que as leis respeitem ao menos aqueles que são diminuídos profundos. Aqueles para quem o Calvário é abrigo que Pai Américo desejou. É lugar de redenção. É lá onde o Filho amado de Deus instaurou a Cruz. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

Foram tempos, durante aqueles seis anos de seminário, em que bebi daquela experiência única e irrepitível, sempre nova, que me valorizou, não para interesse pessoal mas para o serviço para que havia sido chamado e para que dispusera a minha vida.

Lembro aquela expressão de Pai Américo: «A mãe nunca teve método de dar o peito ao filhinho!». Algo, no seu íntimo, lho ensina. O Padre Baptista também tinha Alguém que o ensinava a fazer o melhor e mais conveniente aos seus Doentes. Mas, porque «a necessidade aguça o engenho», como diz o povo na sua sabedoria de experiência feita, estudava e aprendia também com outros que, sendo profissionais, lhe deram um real acréscimo aos seus conhecimentos e à sua capacidade de bem cuidar dos Doentes. Numa época em que não havia ninguém que se interessasse pelos Pobres abandonados às suas limitações de doença, nem os hospitais nem mesmo os Asilos do Estado tinham lugar para eles, sem ninguém que lhes desse auxílio para criarem os seus filhos nascidos naquele contexto, o Padre Baptista ia aos sítios mais recônditos visitá-los, e acolhia-os no Calvário, onde tinham uma cama e uma mesa e uma família para deles cuidar e

ajudar a levar a sua pesada condição. Nos livros com o mesmo nome, que reproduzem os seus escritos n' O GAIATO, deixou para os insatisfeitos com a justiça que os homens são pródigos em aplicar, obras evidentes de fome e sede de justiça que enchem plenamente a alma e nos faz sonhar com um mundo novo, onde a Justiça reine e seja tudo em todos.

Todos esses dias que vivi no Calvário, desde as primeiras horas que marcam o início de cada dia, até ao seu final, estava o Padre Baptista presente. Como complemento para as actividades e presença necessárias a uma família tão especial e diferente de todas as demais, estavam os outros membros da Comunidade mais responsáveis, por vezes também consagrados para esse serviço, juntamente com pessoas assalariadas ou que se voluntariavam para levar por diante este sonho de Pai Américo que Padre Baptista conduziu à realidade.

Como em qualquer outra Casa da Obra da Rua, as suas tarefas e responsabilidades não se restringem a cuidar dos Doentes mas alargam-se à organização da Casa, a procurar a satisfação das suas necessidades materiais e espirituais, a providenciar a produção própria de bens para o consumo diário, a obter outros para comprar o necessário, dando ainda

resposta aos pedidos de fora, de partilha de bens materiais ou das experiências humanas que ali são autenticamente vividas.

Muitos Doentes costumavam chamar-lhe padrinho. E o Padre Baptista era, de facto, seu padrinho: pai, companheiro, apoio humano, um pedagogo na fé e na vida para os seus e para quem tinha a possibilidade de lhe estar próximo.

Durante estes 60 anos, muitos vieram de longe para estar no Calvário, e fazerem uma experiência como aquela de que também eu pude beneficiar. Muitos mais poderiam ter-se enriquecido com ela mas, sempre que tal não aconteceu, se deve ao medo de nos confrontarmos com a debilidade humana ou de não nos dispormos, com confiança, como instrumento nas mãos de Deus. Mas, nós somos o barro, não o Oleiro.

O Calvário é uma obra que foi criada para quem precisa dela. Ao ouvirmos isto pensamos logo nos Doentes. Mas, para além deles, o Calvário é também para os que ali encontram o sentido pleno da vida humana, pessoal e social. Ali não se prestam exclusivamente um conjunto de serviços, mas vive-se num aglomerado familiar, em que todos mutuamente se ajudam, justificada pelo sentido último para que caminha a vida humana. □

SINAIS

Padre Telmo

SERIA bom...

Como seria bom que a nossa Comunicação Social nos transmitisse o bem e o belo que nas sociedades todos os dias acontece. Tantos grupos de cristãos, e outros, no atendimento aos mais frágeis. Tantos sacerdotes e leigos, que eu conheço, deixaram as suas vidas e se entregaram totalmente ao cuidado de irmãos carentes. Tantos gestos de verdadeira heroicidade — Padre Baptista, injustamente criticado, é o exemplo.

Somente o negativo? Não!

Arrepiam as crónicas do Padre Baptista sobre alguns doentes em abandono e a viverem em lojas de animais, que foram trazidos por ele para o Calvário, onde, sou testemunha, foram tratados com dignidade.

Haverá alguma falha? Todos nós, na nossa vida, temos.

Senhores, só o negativo? Não! Há tantas coisas belas no mundo! Tantos gestos de bondade!

ESTOU no Calvário, sentado no salão das refeições do pavilhão dos homens. Acabámos de dar o almoço. Hoje dei ao «Faneca». Não fala, não nos conhece. Disseram à Comunicação Social que está preso. Esta, despejou-o na sociedade que aceita o que lhe servem. Não vejo cordas e o almoço foi bom e abundante.

Logo, darei o jantar ao Francisco, cego e também deficiente profundo.

Que os doentes são batidos e passam fome... Tenho passado sempre algum tempo no Calvário, nas minhas férias. Nunca vi maus tratos. Não batam mais... Venham, antes, dar-nos uma ajuda. São doentes incuráveis que ninguém quer.

São vinte os voluntários/as que nos ajudam nos sábados e domingos.

Os homens dão banho aos homens, fazem as camas, as barbas e dão as refeições.

As senhoras cozinham, dão banhos e as refeições.

Durante a semana atendem os empregados e empregadas.

Venham ver! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Vamos para a frente!

NOS últimos tempos, a pobreza do nosso povo tem-se agravado de maneira preocupante. Aumentou, de forma dramática, o índice de mortalidade de crianças e adultos, vítimas da falta de apoio para a aquisição de medicamentos, no momento oportuno. Ontem, à noite, por exemplo, veio ter conosco um pai de família, muito aflito e com as lágrimas nos olhos. No dia anterior, trouxe a receita médica dum filho doente, mas não tinha dinheiro para comprar os medicamentos. Com a ajuda necessária, fomos à busca dos remédios e regressou a casa cheio de esperança. Agora, outro filho adoeceu. Mais uma filha foi para o hospital e mor-

reu. Levou a ajuda necessária para aliviar a sua prostração. Assiste-se, infelizmente, neste momento, a uma insensibilidade, quase crónica, perante o mal, a doença e a morte do próximo. Todos os dias, gastamos uma verba financeira elevada, em consultas e medicamentos para as famílias muito pobres que nos batem à porta. Os medicamentos que existem aumentaram de preço de maneira preocupante. Porém, enquanto tivermos possibilidades, abrimos sempre o nosso coração. Partilho convosco esta situação concreta, desta forma, porque os recursos que a nossa Casa do Gaiato possui nascem e vêm dos corações de cada um de vós. Não nos fecheis

os vossos corações. A porta da vossa felicidade mantém-se aberta na medida da vossa generosidade. Confiamos! Aumenta assustadoramente o fosso entre os cada vez mais pobres e os poucos que se apoderam das riquezas nacionais, riquezas, muitas vezes adquiridas de forma desonesta e fraudulenta, como diz a Nota Pastoral dos Bispos de Angola. Só há uma resposta eficaz para mudar esta situação: A Justiça e o Amor. Vamos para a frente! Neste momento de crise, a Caridade não deve esquecer ninguém, especialmente os pobres e os indigentes. A nossa Casa do Gaiato necessita muito da vossa ajuda! Temos muito viva a generosidade dalguns corações para os quais a nossa Casa do Gaiato é porção muito querida das suas vidas.

Há tempos, foram acolhidos, de urgência, alguns filhos abandonados, sem documento algum para

a sua identificação. Começaram a frequentar a nossa escola, na esperança da chegada breve da documentação básica. Depois dalguma insistência, as entidades responsáveis cumpriram. As Cédulas dos três filhinhos foram apresentadas. Fiquei admirado com as características que as marcavam: Nem os nomes do lugar onde nasceram; nem os nomes dos pais e das mães constavam da identificação destes filhinhos. Os espaços reservados para o efeito foram ocupados por um traço. Eram, de facto, crianças totalmente abandonadas! Qual seria o futuro destes filhos queridos se a Casa do Gaiato não os acolhesse? Eram lixo humano, quando deviam ser tesouros sem medida! Neste momento, estão a viver admiravelmente felizes. Os beijinhos diários que partilham conosco, quando nos encontramos, são o sinal palpável da felicidade humana que está

nos seus corações. O seu futuro está também nos vossos corações generosos, cheios de amor. Vamos fazer tudo o que pudermos para os ajudar a ser homens. Esta é, sem dúvida, uma das marcas centrais da Casa do Gaiato: Fazer (Ajudar) cada rapaz a ser um homem.

Um dos problemas sociais mais aflitivos, nesta nossa querida Angola, é, sem dúvida, as crianças abandonadas. São multidão! Como tenho referido, noutras ocasiões, os pedidos para o seu acolhimento na nossa Casa do Gaiato são permanentes. Mas não há, de momento, possibilidades. A Casa do Gaiato não é um armazém de filhos. Quer ser a Casa de Família dos filhos sem família, ou tendo-a, é como se não a tivessem. Vivem abandonados. Vamos, pois, continuar a trabalhar com muita Esperança e muita confiança na generosidade dos vossos corações. □